

Prefácio

Neusa Maria Dal Ri

Como citar: DAL RI, N. M. Prefácio. *In:* PESSÔA, J. R. **Gênero e educação:** a formação educacional para a igualdade de Gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p 23-28.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-170-6.p23-28>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi fundado em 1984, em Cascavel, Paraná, no eclipse da ditadura civil-militar e sob a influência das lutas e manifestações de movimentos de trabalhadores iniciadas no final dos anos 1970.

O MST desenvolveu-se, ganhou notoriedade no Brasil e internacionalmente e se transformou em um grande movimento social.

Em sua trajetória, o MST tem enfrentado os governos neoliberais, tendo como norte a bandeira pela reforma agrária e organizando um movimento original e de massas, com base social em todo o país, congregando especialmente a população pobre do campo e da cidade.

Do ponto de vista do MST, no Brasil existe um grave problema social advindo do projeto econômico-social da burguesia, com apoio dos governos neoliberais. Em relação ao campo, os desdobramentos práticos desse projeto provocaram, e continuam provocando, a desterritorialização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, consequências negativas sociais e ambientais, aumento da violência, violação dos direitos e dos territórios dos povos da floresta, fragilização da agricultura familiar e camponesa, sujeição dos trabalhadores e consumidores a alimentos contaminados e ao convívio com a degradação ambiental.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-170-6.p23-28>

Embora o MST lute pela reforma agrária há mais de 37 anos, de fato, a reforma nunca foi realizada no Brasil. No entanto, as ações desencadeadas e as reivindicações apresentadas pelo MST e outras organizações do campo resultaram na constituição dos assentamentos da reforma agrária, que se encontram espalhados pelo todo o país. Os assentamentos conquistados são um fenômeno importante, pois geram impacto econômico, social e educativo nas populações assentadas e nas que vivem em cidades próximas dos assentamentos. Em decorrência desse impacto, que atesta a relevância social dos assentamentos, governos em nível federal, estadual e municipais, durante décadas, criaram programas de apoio aos assentamentos.

Além do Estado, outras instituições e organizações nacionais e internacionais reconhecem a importância estratégica do MST na geração dos assentamentos e, portanto, na geração de emprego e renda, bem como sua contribuição em outras áreas, com destaque para a educacional e a da agroecologia.

Durante os anos de seu desenvolvimento, o MST pode construir uma grande obra educacional, que se materializa nas inúmeras escolas próprias, ou sob a influência do seu projeto político pedagógico, e na criação de uma pedagogia própria, denominada de Pedagogia do Movimento.

Para atender ao grande contingente de pessoas organizadas nos assentamentos e acampamentos, o MST criou uma educação infantil própria, cursos técnicos de nível médio e médio integrado, como Administração de Cooperativas, Saúde Comunitária, Agroecologia, e cursos superiores, como Pedagogia da Terra, Letras, Licenciatura em Educação do Campo, Ciências Agrárias, Agronomia, Veterinária, Direito,

Geografia e História, além da influência de sua Pedagogia em inúmeras escolas de educação básica.

A Pedagogia do Movimento é diferente daquela que predomina na escola oficial. Essa Pedagogia, que tem influências teóricas de autores críticos e marxistas, tais como Lênin e os educadores soviéticos Krupscaya, Pistrak e Makarenko, é decorrente, principalmente, do fato de o Movimento ser um lutador político e de sua conexão com a economia política desenvolvida nos assentamentos.

Em nossas pesquisas desenvolvidas com o MST, desde o início dos anos 2000, verificamos que o MST conta com mais de 3000 mil escolas e, por meio desses estudos, apuramos que devido à concepção pedagógica adotada, o Movimento institui em suas escolas o que ele denomina de gestão democrática. Em geral, o modelo de gestão escolar adotado pelo MST em suas escolas coloca duas ações em movimento, a participação de todos e todas na gestão e o compartilhamento do poder. Disso resulta que a instância principal de decisão na maioria das escolas é a assembleia geral, da qual participam professores, alunos, pais e comunidade, o que ocorre em diversos níveis de ensino, inclusive no da educação infantil.

Outro tema bastante caro ao Movimento é a luta pela igualdade de gênero, tanto que a sua educação está permeada por ações e conteúdos relacionados à disseminação desse valor.

O MST reconhece a dificuldade de abordar o tema gênero, pois trata de concepções e valores presentes nas relações sociais que são considerados naturais na sociedade. Além disso, há a dificuldade de relacionar o conceito com a realidade, pois se trata de uma abordagem nova para o velho problema da desigualdade entre homens e mulheres.

O tratamento da questão de gênero, segundo o MST, ocorreu em 1955, quando surgiu pela primeira vez o uso do termo gênero para indicar os papéis de gênero, atribuídos diferentemente a homens e mulheres, que foi utilizado pelo pesquisador John Money. Em 1968, Robert Stoler estabeleceu mais nitidamente a diferença entre os conceitos de sexo e gênero. Nos anos de 1980, um grupo de mulheres inglesas começa a usar o termo gênero num estudo sobre relacionamentos entre homens e mulheres na família e na sociedade, com destaque para a pesquisadora Joan Scott.

Para aperfeiçoar o conceito de gênero, o MST utilizou-se de diferentes contribuições teóricas formuladas por diferentes autoras, em especial as relacionadas com o movimento feminista. Dentre as autoras, destacam-se Nalu Faria e Miriam Nobre que afirmam que o conceito de gênero trouxe avanço nas relações, pois permite uma análise mais ampla. O MST destaca também a autora Clara Araujo, que afirma que o conceito de gênero surge da tentativa de compreender como a subordinação é reproduzida e a dominação masculina é sustentada em suas múltiplas manifestações, buscando incorporar as dimensões subjetiva e simbólica de poder, para além das fronteiras materiais e das conformações biológicas

A preocupação com a questão de gênero esteve presente no Movimento desde sua criação. No sentido de promover a igualdade de gênero, no I Congresso Nacional do MST, realizado em 1985, aprovaram-se normas gerais e a organização de comissões de mulheres para discutir seus problemas específicos e, também, para estimular a participação das mulheres em todos os níveis de atuação, combater toda forma de discriminação das mulheres, lutar contra o machismo e propiciar uma formação educacional que integrasse essa discussão. Para colocar em prática essas ações e envolver todos no debate foi criado o Setor de Gênero

no Encontro Nacional do MST, em 2000. Dentre as principais tarefas desse Setor encontram-se as de estimular o debate de gênero nas instâncias e espaços de formação educacional; produzir materiais; propor atividades, ações e lutas que contribuam para a construção de condições objetivas para participação igualitária, etc. Com a criação do Setor de Gênero foram engajadas várias linhas políticas, como, por exemplo, a participação de 50% de mulheres em todos os espaços do MST e instâncias de deliberação, nos processos produtivos, de formação e educação, nas mobilizações, no debate sobre a educação infantil, a inclusão do nome da mulher nos documentos de concessão de posse e uso da terra, etc.

Dessa forma, podemos concluir que a política de formação educacional do MST voltada para a questão de gênero é um importante objeto de estudo.

No estudo desta temática, Jeniffer Ribeiro Pessoa procurou analisar a política de formação educacional do MST, verificando se esta abrangia a questão da igualdade de gênero. Buscou, também, elucidar a política geral de gênero do MST, analisar os seus princípios pedagógicos e verificar as ações educacionais voltadas à igualdade de gênero

Para alcançar esses objetivos, a autora apresenta nesta obra uma discussão sobre movimentos sociais e gênero, dando ênfase ao movimento feminista; um breve histórico da formação e trajetória de lutas do MST, com ênfase em sua educação e, por último, apresenta e discute a política de gênero do MST e sua ligação com a formação educacional.

A pesquisa de Jeniffer Pessoa, que ora é apresentada ao público, pode ser considerada altamente relevante por vários motivos.

Primeiro, porque tem como objeto de estudo um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil e da América Latina. Segundo,

porque em sua análise, a autora coloca em destaque os princípios filosóficos e pedagógicos da educação do MST, em especial a política de gênero contida na formação educacional.

E, por fim, porque a pesquisa possui rigor científico e está sendo apresentada em um momento econômico-político dramático para o país. Dentre as várias ações do desgoverno que comanda o país, neste momento, encontra-se a total destruição da educação e suas instituições, em especial o encerramento dos Programas Educacionais voltados para os povos do campo. Além disso, são bem conhecidos os discursos do atual presidente, Jair Bolsonaro, com teores machistas, homofóbicos e de desrespeito para com as mulheres e as comunidades LBGT+. Desse ponto de vista, apresentar um estudo que coloca em epígrafe a experiência educacional de um movimento social que luta por justiça e pela igualdade de gênero é também um ato de resistência.

Os atributos positivos deste livro o elevam a uma leitura de referência para os leitores e leitoras interessados no tema da formação educacional e da igualdade de gênero.

Inverno de 2021

Neusa Maria Dal Ri